



Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

RELATÓRIO CIENTÍFICO

BOLSISTA: Camila Russo de Almeida

ORIENTADOR(A): Marisa Philbert Lajolo

PROCESSO: 07/53862-9

BOLSA DE IC

INSTITUIÇÃO: Fac. Filosofia Letras Educação/ UPM

ÁREA: LETRAS

PROJETO: Era uma vez um autor e seu estilo... (A correspondência de Monteiro Lobato como documento da formação do autor).

INÍCIO DA BOLSA: 01set07

TÉRMINO: 31ago08

Marisa Philbert Lajolo

Camila Russo de Almeida



Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Resumo: A partir de 1903, o escritor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) começa a corresponder-se com seu amigo Godofredo Rangel (1884-1951) e ao longo desta correspondência, sobretudo no período que antecede a publicação de Urupês (1918), obra de estréia de Monteiro Lobato, alguns traços relativos à sua concepção de linguagem e literatura são evidenciados, bem como também se documenta sua formação de estilo como escritor. A pesquisa aqui proposta busca levantar e discutir tais elementos, elencando suas leituras na época, bem como suas preocupações com questões de linguagem.

OBJETIVOS

Esta pesquisa tem por objetivo estudar a formação literária de Monteiro Lobato durante seus anos de aprendizado literário, através da análise da correspondência mantida por ele com seu amigo Rangel, entre 1903 (data da primeira carta trocada entre ambos) e 1918 (ano da publicação de Urupês), sem perder de vista também outros correspondentes do escritor na época.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Leitura de toda a correspondência lobatiana;
- Seleção do corpus correspondente ao período a ser trabalhado na pesquisa;
- Digitalização (quando possível) e digitação do corpus;
- Organização de banco de dados dos livros mencionados;
- Seleção dos textos metalingüísticos a serem analisados;
- Análise dos textos selecionados.

CRONOGRAMA

| | 1.bimestre | 2.bimestre | 3.bimestre | 4.bimestre | 5.bimestre | 6.bimestre |
|------------------------------------------------------------------------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Leitura extensiva da obra lobatiana | X | X | X | X | X | X |
| Leitura da bibliografia relativa ao projeto | X | X | X | X | X | X |
| Digitalização e digitação das cartas | X | X | X | | | |
| Organização do banco de dados dos livros mencionados | | | X | X | X | |
| Seleção dos textos, metalingüísticos a serem analisados | | | X | X | X | |
| Análise dos textos metalingüísticos articulando -os ao banco de dados de leituras | | | | X | X | X |

DETALHAMENTO DOS PROCEDIMENTOS REALIZADOS

Durante a leitura dos quarenta anos de cartas dirigidas ao amigo Godofredo Rangel (1884_1951) que se sucedem reunidos na obra A Barca de Gleyre (1943), Monteiro Lobato (1882-1948) nos permite um passeio pelo mundo de suas concepções literárias presentes continuamente em sua correspondência. É ainda bem jovem, com apenas 21 anos (1903), que Lobato começa a se corresponder com Rangel. E é nessa mesma época, enquanto freqüenta a Faculdade de Direito, que ele nos mostra que já está passando por um período de densas leituras diárias, que irão contribuir fundamentalmente para a sua formação como literato:

“Leio, leio interminavelmente. Meus olhos já estão cansados. Lamartine me faz ver a Revolução Francesa (...) Quando Lamartine me cansa, mudo-me para Zola na historia de Gervaise Coupeau, dos invejosos Lorilleux, da promissora Nanázinha. (...) Farto de Zola, pulo para Michelet na sua visão da India primitiva; ele começa bem mas entusiasma-se a ponto de dar pinotes; e eu, assustado, fecho o livro_ fecho a boca de Michelet. Vou então para Renan_ o sereno evocador da verdade. Renan é água clara e filtrada. Descansa-me. (...) Eça está muito querido cá em casa; todos o “adoram”. A semana passada apareceu-nos um comediografo, José Piza, e durante tres dias só lidamos com o Eça”.¹

Neste pequeno trecho temos uma idéia das leituras que Lobato diz a Rangel que vem desenvolvendo. O futuro literato lê de uma maneira tão interminável que é possível se fazer um quadro de autores

1. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. 1ºtomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 40, 41. Carta de Taubaté, 28/12/1903).

e obras que Lobato menciona mediante tantas cartas reunidas em A Barca de Gleyre ². Tal catálogo funciona como uma espécie de esboço das leituras realizadas durante seu período de formação; nos possibilita um mapeamento do horizonte sócio cultural contemporâneo da época; apresenta os prováveis caminhos textuais que Lobato percorreu ao longo de sua formação literária até chegar à publicação de seu primeiro livro Urupês (1918).

Há uma certa oscilação alusiva à frequência com que os autores são mencionados em A Barca de Gleyre. Alguns aparecem constantemente na correspondência lobatiana. Funcionam como pontos de referência para a formação do escritor. São os mais comentados por ele e até chegam a terem suas obras e estilo analisados por Lobato. Entre eles estão Anatole, Flaubert, Balzac, Daudet, Maupassant, Kipling, Nietzsche, Tolstoi, Zola, Machado de Assis, etc. Eis um trecho que nos ilustra um desses autores sendo analisado por Lobato:

“Não conheço melhor modelo que Machado de Assis. Camilo ainda me choca, é muito bruto, muito português de Portugal e nós somos daqui. Machado de Assis é o classico moderno mais perfeito e artista que possamos conceber. Que propriedade! Que simplicidade! Simplicidade não de simplorio, mas do maior dos sabidões. Ele gasta as suas palavras como um nobre de raça fina gasta a sua fortuna e jamais como o parvenu, o upstart, que começou vendeiro de esquina e acabou comprando um titulo de barão do papa”. ³

2. No anexo A, encontrado ao final deste relatório científico, há um catálogo que nos lista, em ordem alfabética, os autores e as obras mencionadas por Monteiro Lobato em LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre, 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. Ao longo da pesquisa, a tabela será aprimorada com outros autores e obras.

3. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre, 1º tomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 263, 264. Carta de Areias, 30/08/1909).

No entanto, podemos encontrar alguns autores que são citados apenas uma vez. Temos somente seus nomes, e nada mais, nenhuma outra menção em A Barca de Gleyre:

“Não me mandes, pois, o teatro francês (...) Tenho deles em Taubaté um metro de estante, e acodem-me os nomes de Robert de Flers e Caillavet, o seu irmão siamês; e Tristan Bernard o Barbinegro, espirituosíssimo e safadíssimo; e Maurice Donnay, todo sutilezas de bordel e salão; e Alfred Capus, consolador dos que tudo esperam da Sorte; e Rothschild, e Paul Hervieu, e Lavedan, e Henry Cain, e o Octave Mirbeau do Nogueira, e Henri Bataille, e o traumatizante Bernstein, e Dario Nicodemi, o amante da faisandée Réjane; e Porto-Riche, e Tarride, e o Edmond Rostand do Ricardo... Acho que em França ha mais teatrologos do que espectadores”.⁴

Ao longo desta pesquisa, além da elaboração deste catálogo de obras e autores, as cartas presentes na obra A Barca de Gleyre foram digitadas, desde o ano de 1903 à 1914, totalizando 140 cartas e dois bilhetes. Esse tipo de trabalho possibilita que o grupo de pesquisa possa utilizar os documentos já digitados, de maneira a facilitar a acessibilidade à correspondência lobatiana. Posteriormente, as cartas estarão disponíveis em sites de domínio público.

O préstimo da obra A Barca de Gleyre para os estudos de Monteiro Lobato vem sendo constantemente trabalhado por pesquisadores. Tal obra não nos traz apenas informações relativas á Lobato, ela é riquíssima em dados acerca de Godofredo Rangel, o destinatário das cartas. No entanto, parece que até o presente momento, pouco se sabe sobre a vida de Rangel e suas obras literárias.

4. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. 1º tomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 286, 287. Carta de Areias, 12/01/1910).

O escritor de Vidas Ociosas (1920) vêm sendo esquecido pelos críticos de literatura e o olhar volta-se totalmente a figura de Lobato. Muito possivelmente, Lobato não teria se tornado um literato se não fosse a persistência do amigo Rangel para que ele continuasse a escrever. A influência é tanta que, mais do que amigo de cartas, Rangel exerce papel de uma espécie de editor de Lobato: é ele quem o encoraja a continuar escrevendo, quem corrige e analisa os contos antes da publicação. Algumas cartas nos evidenciam tal relação:

“O que dizes d’A Gargalhada, eu vagamente previa; havia ali coisa que me desagradava, sem que eu atinasse qual. Deve ser o que dizes. Vou refaze-la como indicas, e também dum jeito que ando cá a matutar. As vantagens do nosso sistema de mutualismo tornam-se cada vez mais evidentes.

Tuas observações sobre Os Faroleiros sossegaram-me e deram-me alento para pensar no nº 4, do qual ainda não tenho ideia. Os Faroleiros escrevi sem plano; sentei-me á mesa e deixei-o escorrer de dentro de mim”.⁵

Pode-se dizer, que a própria formação de Lobato também tenha sido influenciada pelo amigo escrito. No entanto, o Sr. José Godofredo de Moura Rangel não pode ser estudado apenas como aquele que se correspondeu com Lobato, ou aquele que motivou o amigo a continuar escrevendo. Faz-se importante passar a estudar Rangel por Rangel, e não apenas com o intento de conhecer Lobato. É certo que os dois estudos são fundamentais, mas um não pode inviabilizar o outro. Assim, o presente projeto também passará a investigar um pouco mais de Rangel e suas obras literárias ⁶.

5. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre, 1º tomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 239. Carta de Areias, 07/06/1909).

6. Em acato á sugestão enunciada no parecer Inicial de Assessoria Científica enviado pela Fapesp, sugestão essa que consiste em deter uma pouco mais a pesquisa em Godofredo Rangel, o projeto passará também a se focalizar neste escritor.